



INPA/SMITHSONIAN

GIGANTES AMEAÇADAS

- A mortalidade das árvores na beira da floresta, à margem do descampado, é duas vezes maior do que no seu interior
- Árvores grandes localizadas até 300 metros da beira da floresta morrem três vezes mais rápido do que as de mesmo porte no interior da mata
- Menos de 2% de todas as árvores de uma floresta são de grande porte, mas elas representam quase um quarto de toda a biomassa

Ambiente

A solidão mata

As grandes árvores da Amazônia não resistem ao desmatamento próximo, revela estudo

Robustas, altivas e imponentes, as árvores centenárias da Amazônia, aquelas de troncos tão grossos que dez pessoas não conseguem abraçar e de até 50 metros de altura, são na verdade as vítimas mais frágeis do maior vilão atual da floresta: o desmatamento. Durante vinte anos, um grupo de trinta pesquisadores observou as árvores localizadas em áreas que os cientistas chamam de fragmentos e outras em florestas contínuas. "São nacos de floresta nativa que ficaram ilhados por áreas desmatadas", explica o ecologista americano William Laurance, coordenador do estudo, feito em parceria pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa) e a Smithsonian Institution, dos Estados Unidos. A conclusão é que a invasão do pasto sobre a selva é implacável com as gigantes da floresta. Todas as árvores sofrem quando se vêem cercadas por um descampado. Um grande número de árvores à beira da floresta morreu, mas a mortalidade foi proporcionalmente mais alta entre as de maior porte.

A taxa de mortalidade das árvores localizadas perto do campo é duas vezes maior do que a das que ficam no interior da floresta. Entre as grandes, três vezes mais. Dos 64 000 exemplares acompanhados pela pesquisa, mais de 10 000 vieram abaixo, dos quais 7 500 estavam em fragmentos. Para cada árvore centenária que morre no meio da floresta fechada, três desmoronam nas áreas atingidas pelos efeitos do desmatamento. A agonia das gigantes da floresta começa imediatamente após a derrubada. Os pesquisadores não sabem exatamente o motivo de as maiores serem as mais prejudicadas, mas têm algumas suspeitas. "Quando há um desmatamento em volta, a força dos ventos incide mais intensamente nas árvores mais altas, a temperatura aumenta e a umidade do ar e do solo se reduz sensivelmente", afirma a pesquisadora Pa-

trícia Delamônica, do Inpa. Por causa da altura, largura e inflexibilidade de seus troncos, elas são especialmente suscetíveis ao vento. Em consequência das imensas co-

pas, estão mais expostas aos raios solares e à evaporação, o que as torna muito sensíveis ao ressecamento do ambiente que ocorre quando há um desmatamento vizinho.

Fragilizadas por esses fatores, as grandes árvores morrem e acabam por alterar drasticamente o cenário da floresta. Ao tombar, uma árvore de grande porte pode arrastar na queda até outras dez menores. Os clarões aumentam o ressecamento do solo e, num efeito dominó, novas árvores vão morrendo e expandindo o estrago. Espécies de orquídeas e bromélias, que só nascem nas copas das árvores maiores, também desaparecem. Alguns insetos, aves, macacos e outros mamíferos abandonam o local desfigurado. Em menos de dez anos, a agressão causada pela agricultura, pela pecuária e pela exploração madeireira destrói uma paisagem que a natureza levou mi-

Quando uma árvore de grande porte cai, pode derrubar com ela outras dez menores

lhares de anos para montar. "Os estudos nos levam a crer que a perda da cobertura florestal, associada a sua fragmentação, representa a maior ameaça à biodiversidade mundial", afirma Laurance. ■

Klester Cavalcanti